



Abjeção em Karin Lambrecht:

Análise crítica de *Eu e Você* à luz de Julia Kristeva

Palavras-Chave: Artes Visuais, Arte Abjeta, Karin Lambrecht.

Autoria:

Eleonora Ubinha de Rezende, (Instituto de Artes) – UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). Maria de Fátima Morethy Couto (orientadora),

IA (instituto de Artes) - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa de Iniciação Científica, intitulada *Abjeção em Karin Lambrecht: Análise crítica de Eu e Você à luz de Julia Kristeva*, teve como objetivo examinar, por meio de abordagem predominantemente bibliográfica, a presença do conceito de abjeção, tal como formulado por Julia Kristeva em *Pouvoirs de l'horreur: essai sur l'abjection*, na ação artística *Eu e Você*, da artista contemporânea porto-alegrense Karin Lambrecht. Além da pesquisa teórica, foram realizadas duas entrevistas que contribuíram significativamente para a análise: uma com a própria Karin Lambrecht, conduzida via e-mail, e outra com o artista André Severo — colaborador direto na realização da obra — realizada remotamente por meio do *Google Meet*.

A investigação fundamentou-se em textos críticos sobre a obra e a trajetória da artista, em declarações de Lambrecht acerca de seu processo criativo, em referenciais teóricos sobre a Arte Abjeta, nas entrevistas realizadas especificamente para este estudo e na análise detalhada da ação *Eu e Você*. A pesquisa propôs, assim, uma nova interpretação da obra, sustentada pelo material teórico e visual reunido. Paralelamente, buscou-se examinar os limites e as possibilidades do conceito de Arte Abjeta, demonstrando como a produção de Lambrecht se insere de forma legítima nesse campo conceitual, embora se afaste de manifestações mais emblemáticas da categoria, como as realizadas pelos Acionistas Vienenses ou por Hermann Nitsch.

Produzida na cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul, *Eu e Você* configura-se como uma composição multimidiática que documenta o abate doméstico de um carneiro, realizado de acordo com práticas tradicionais da cultura rural local, com ênfase na materialidade do sangue e das vísceras. A esse respeito, a artista comenta, em entrevista:

Fui descobrindo que o ato em si de abater por sangramento certamente chega ao Brasil trazido pela imigração judaica e também árabe, mas este ato cultural e religioso é totalmente desconhecido pelo carneador, que sempre é um homem muito humilde numa circunstância de vida muito precária¹.

A ação integra o conjunto de trabalhos da artista denominado *Registros de Sangue*, iniciado em 1997 (LAMBRECHT, 2013, p. 73) a partir de experimentações com o sangue animal em fazendas no interior do estado. Viabilizada pelo projeto AREAL (2001), de André Severo e Maria Helena Bernardes, a obra envolveu, além de Lambrecht, outros nove artistas que participaram da ação durante o abate, em uma vivência coletiva que abrangeu todas as etapas do processo — desde a chegada do grupo ao local até a exposição dos registros gerados —, culminando na elaboração do Documento AREAL 1, também intitulado *Eu e Você*, compartilhando o nome da obra.

A poética de Karin Lambrecht centra-se sobretudo na materialidade pictórica, no pigmento e na mancha, fazendo jus à sua trajetória como integrante da famigerada exposição *Como Vai Você, Geração 80?*. A artista se auto intitula pintora abstrata, e pode-se afirmar que ela se propõe a “perseguir constantemente a lógica da pintura” (LAMBRECHT, 2013, p. 59). Em *Eu e Você*, o carneiro abatido é desmembrado, e o sangue do abate é vertido sobre um tecido branco. Da mesma forma, os órgãos eviscerados são delicadamente utilizados como carimbos sobre folhas de algodão, já pré-timbradas com o nome da obra. Ambos os processos consistem em registrar, através da materialidade do sangue, a passagem do momento de morte do cordeiro, e carregam valor indícial – rastros, marcas, manchas, restos – de um ser outrora vivo. A esse respeito, André Severo comenta, via entrevista, que

A morte que estava ali no carneiro – a morte que a Karin viveu ali – era uma. A que eu vivi era outra, a que a Maria Helena viveu era outra... cada um de nós estava lidando com a sua relação com isso (...) e eu acho que é o que acontece também com quem visita a exposição depois. (...) Quando você está na exposição, você está no pós acontecimento. Tudo o que está lá vai te remeter a isso, mas é um índice desse fenômeno. Estar presente no fenômeno te faz estar presente em um tempo dilatado, e só o fato de a gente estar fazendo essa conversa hoje atualiza aquele ponto de morte lá. A morte que eu vivi lá não é a mesma na qual eu estou pensando hoje para dividir contigo (SEVERO, 2025)².

A partir de tais índices, Karin Lambrecht reconhece que o trabalho com sangue revela uma dimensão da vida para a qual costuma-se evitar olhar. Ela afirma que essa produção

traz alguma coisa que, na verdade, nunca deveria ser vista, de preferência por ninguém. É como se eu fosse escavar e trazer alguma coisa, e a trago intuitivamente. Nunca trago isso como uma mensagem porque para mim tiraria toda a graça de uma

¹ comunicação pessoal via e-mail concedida no dia 1 de Maio de 2025.

² comunicação pessoal concedida no dia 14 de Março de 2025.

descoberta. Não é essa a intenção: trazer alguma coisa que diga isso ou aquilo diretamente, exatamente. Aí tem a herança da arte abstrata: considero-me uma pintora abstrata... (LAMBRECHT, 2013, p. 65)

Assim, a presente Iniciação Científica compreendeu que o abjeto vê-se em *Eu e Você* pela expressão plástica e pela narrativa que compreende o título e a temporalidade da obra (ambos aspectos relacionados ao caráter indicial). A respeito da bagagem simbólica contida na figura do cordeiro, a pesquisa levantou também a questão do sacrifício nas estruturas culturais/religiosas, e para tal finalidade a bibliografia voltou-se novamente para Julia Kristeva, bem como para René Girard, evocado inicialmente pelo texto de Viviane Gil Araújo.

O aprofundamento no estudo do Projeto AREAL revelou-se fundamental para a pesquisa, sobretudo a partir da entrevista com um de seus idealizadores, André Severo, também participante da ação *Eu e Você*. O projeto visava fomentar práticas artísticas pouco contempladas pelas instituições formais, promovendo ações em localidades do interior do Rio Grande do Sul, como Bagé, historicamente marginalizadas no circuito artístico. O projeto, então, sugere, nas palavras de Severo,

uma investigação artística intensiva, trazendo ao primeiro plano a experiência direta do observador frente à produção artística. O projeto amplia seus objetos de interesse para além do espaço do atelier e do abrigo das instituições, indicando que o processo de produção e criação nas artes plásticas por vezes foge ao controle e ao ritmo célere de estruturas que tendem a domesticar e impor a regularidade de esquemas pré-fixados à vitalidade do processo criativo (SEVERO, 2001).

Na entrevista, o artista acrescenta:

A gente não sabia o que queria fazer. A gente sabia o que não queria. (...) Para tentar entender o que achávamos que precisávamos entender, a gente sentia que precisava se deslocar. De alguma maneira, o AREAL era um pensamento em trânsito (SEVERO, 2025)³.

Assim, uma vez movidos pelo incômodo relativo às limitações das possibilidades de criação e exibição da Arte, os autores de AREAL se propuseram a superá-las eles próprios, criando condição de existência para formas de arte como *Eu e Você*.

METODOLOGIA:

A investigação buscou, por meio de uma análise crítica apoiada na bibliografia e em duas entrevistas, compreender os significados, o uso da materialidade e a escolha do local propostos por Lambrecht, e tentou encontrar no sangue, nas vísceras e na figura do animal abatido a possibilidade de enquadramento desta produção no âmbito da Arte Abjeta, seguindo as definições de Kristeva e Hal Foster.

A investigação adotou uma abordagem teórica comparativa e relacional entre a obra *Eu e Você* e o conceito de abjeção, de modo a tornar claros os elementos centrais à discussão. A bibliografia foi significativamente ampliada via repositórios, bibliotecas e acervos para, além

³ comunicação pessoal concedida no dia 14 de Março de 2025.

da elaboração da tese, construir de forma coerente e útil à pesquisa as perguntas da entrevista. Foram feitos fichamentos dos principais livros aqui estudados.

De forma paralela, estabeleceu-se a comunicação informal com profissionais e especialistas no assunto, como outros professores universitários e psicanalistas, de modo que estes alimentassem a bibliografia e contribuíssem para as interpretações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

É possível afirmar que a pesquisa se mostrou bem sucedida na medida em que relacionou o conceito de abjeção à obra em questão, sem contudo reduzi-la ao lugar da arte abjeta nos parâmetros do senso comum, descritos por Rina Arya em *Abjection and Representation An Exploration of Abjection in the Visual Arts, Film and Literature*. Para as finalidades aqui delineadas, destaca-se a importância do artigo de Viviane Gil Araújo “Corpo e Sangue nos trabalhos de Karin Lambrecht” e do texto “Obscene, Abject, Traumatic”, de Hal Foster. O primeiro amparou o olhar crítico e sensível sobre o uso do sangue na produção de Lambrecht, contribuindo para uma análise que veio a coincidir com o depoimento da própria artista em relação à sua obra. Viviane Gil, autora de uma tese sobre a artista, comenta que

(...) os sacrifícios, a morte e a ritualística de procedimentos artísticos a partir de alguns mitos têm atravessado a obra de Lambrecht de maneira a resgatar a história do homem, sem negar o mal, a violência e a consciência da morte. (ARAÚJO, 2010, P. 94)

Em concordância ao que, em entrevista concedida via e-mail, a artista diz: “Os animais sofrem, a natureza sofre, somos todos natureza e no ato da busca de alimentos e energia há um impulso destrutivo e sombrio”.⁴

Já o texto de Hal Foster permitiu traçar, a partir da crítica que este faz sobre a postura artística de Breton e Bataille, uma visão sobre possíveis formas da arte que, embora não tão insolentes ou transgressoras quanto a dos dois artistas, preservam seu caráter abjeto. Hal Foster sugere uma alternativa à postura de Bataille e de Breton: uma terceira via, que articula a abjeção sem romper com o sistema vigente ou colapsá-lo, quando diz que

(...) há também uma terceira possibilidade: repensar essa missão da vanguarda. Em vez de entender a transgressão como uma ruptura feita por uma vanguarda heroica colocada fora da ordem simbólica, trata-se de vê-la como uma fissura provocada por uma vanguarda estratégica, que atua de forma ambígua dentro dessa mesma ordem (FOSTER, 1996, p. 115).⁵

Nesta pesquisa, então, foi possível propor não uma visão inédita sobre a arte abjeta ao desenvolver tal conceito a partir da obra de Lambrecht, mas resgatar, por meio de *Eu e Você*, a proposta de Foster à arte abjeta pela “terceira via”.

⁴ comunicação pessoal via e-mail concedida no dia 1 de Maio de 2025.

⁵ Tradução livre do trecho: But there is a third option as well, and that is to reformulate this vocation, to rethink transgression not as a rupture produced by a heroic avant-garde posited outside the symbolic order, but as a fracture traced by a strategic avant-garde positioned ambivalently within this order

BIBLIOGRAFIA:

ARAÚJO, Viviane G. Corpo e sangue nos trabalhos de Karin Lambrecht. In: *Cultura Visual*, n. 13, maio/2010, Salvador: EDUFBA, p. 85-99.

ARYA, Rina. *Abjection and Representation: An Exploration of Abjection in the Visual Arts, Film and Literature*. 1. ed. UK: Palgrave Macmillan, 2014. ISBN 978-0-230-38933-5.

BATAILLE, Georges. *Abjection and Miserable Forms. More & Less 2*, edited by Sylvère Lotringer,

translated by Yvonne Shafir, *Semiotext(e)*, 1934, pp. 8–14.

BULHÕES, M. A. O Imaginário da arte: mitos e ritos na contemporaneidade. *Cultura Visual: revista do curso de Pós-graduação da Escola de Belas Artes*. Salvador. Vol. 1, n.5 (2003).

BURKE, Edmund. *A PHILOSOPHICAL INQUIRY INTO THE ORIGIN OF OUR IDEAS SUBLIME AND BEAUTIFUL, AN INTRODUCTORY DISCOURSE CONCERNING TASTE, AND SEVERAL OTHER ADDITIONS*. London, THOMAS M'LEAN, HAYMARKET. 1823.

FOSTER, Hal. *Obscene, Abject, Traumatic*. *OCTOBER* 78, Fall 1996, pp. 107-24.

FRIQUES, Manoel Silvestre. O Informe de Rosalind Krauss: a rejeição do Abjeto. *Anais do XXXVIII Congresso do CBHA*.

GIRARD, René. *O Sacrifício*. São Paulo: É Realizações, 2011. ISBN 978-85-8033-052-6.

KRISTEVA, Julia. *Powers of Horror: an essay on abjection*. New York: Columbia University Press, 1982.

LAMBRECHT, Karin. *Karin Lambrecht*. São Paulo: Cosac Naify, 2013. ISBN 978-85-405-0445-5.

MESZAROS, Julia; ZACHHUBER, Johannes. *Sacrifice and Modern Thought*. United Kingdom: Oxford University Press, 2013. ISBN 978-0-19-965928-9

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Arte, dor e Kátharsis ou Variações sobre a arte de pintar o grito*. *SciELO Brasil*, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2003000100003>.

SEVERO, A., BERNARDES, M. H. (orgs). *Eu e você: Karin Lambrecht*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.